

**EM  
BUSCA  
DE  
SENTIDOS**

MATERIAL EDUCATIVO

ETÉREA

INSTITUTO  
COLLAÇO  
PAULO  
CENTRO DE ARTE E EDUCAÇÃO

O material educativo “**Em Busca de Sentidos: Etérea**” se apresenta como um mergulho na quarta exposição do Instituto Collaço Paulo – Centro de Arte e Educação, de forma a criar uma proximidade com as ações e diálogos realizados a partir das mediações agendadas e visitas espontâneas. Esse quarto volume ganha uma outra dimensão, de maneira inédita, agrega dois dispositivos em sua composição: material de apoio ao professor e a ferramenta interativa. A combinação dessas duas propostas educativas aponta uma organicidade em sua construção, uma vez que são oferecidos caminhos conceituais e práticos para a especificidade de determinado trabalho como, também, para o conjunto da exposição que viabiliza uma exploração entre obras de diferentes estéticas, tempos e materialidades. Parte-se da escolha de seis imagens que abordam em algum aspecto a extensa mostra e, que de certa forma, o professor, estudante ou pesquisador possam ter uma dimensão do todo. Cada obra é acionada por uma pergunta, assim como por palavras-chaves. Os textos buscam outros olhares para as imagens escolhidas, além de um glossário com biografia dos artistas e algumas palavras que aparecem tanto na parte textual quanto na ferramenta interativa.

Assim, essa publicação potencializa diálogos, cria espaços para a construção coletiva e colaborativa de conhecimentos frente às obras expostas, indica uma maior riqueza nas possibilidades de envolvimento com a mostra “Etérea”, promovida entre dezembro de 2023 e setembro de 2024. Com curadoria de Francine Goudel, a exposição convida a pensar como os artistas ao longo dos séculos materializaram algo sem forma que sensibiliza a humanidade desde sempre, por entre questões do divino, do altruísmo e da fé. Com distintas materialidades e linguagens reúne cerca de cem peças, que se situam entre os séculos 14 e 21 e que se aproximam pelos mitos e símbolos, um modo como as tradições religiosas se manifestaram ao longo dos tempos.

Como atualizar os diálogos frente a pinturas seculares? Como o contemporâneo se apropria e atualiza a iconografia e o questiona? Perguntas que perpassam essa proposta de trabalho e que são desdobradas a fim de abarcar as diferentes épocas e linguagens, com o interesse de se aproximar do público escolar para, assim, levantar e proporcionar discussões relevantes ao tempo atual.





*Exu, 2023*

**GUSTAVO NAZARENO**

Óleo sobre linho. 200 x 170 cm

Coleção Collaço Paulo

Palavras-chaves: cosmopercepção, diferença, temporalidade

E como uma montanha, ele aparece por entre mantos, dobras, luz e sombra, cortando toda a imagem como se fosse duas cabeças, um ser entre temporalidades distintas. A palavra Exu foi traduzida muitas vezes de maneira errônea, sendo ligada a figuras maléficas existentes em outras matrizes religiosas, principalmente a cristã. O artista Gustavo Nazareno traz a entidade africana como uma forma de se compreender a cosmopercepção da religiosidade e da cultura iorubá. Realiza uma pintura que envolve o observador através do olhar atento e questionador da imagem. O corpo do personagem pode ser visto como paisagem e também como templo, a partir da construção de um volumoso tecido que ganha grande parte da tela, refletindo uma luz que mostra todas as nuances da cor. A temporalidade é questionada quando se observa uma sombra se projetando atrás, vibrando na densa massa vermelha. Um manto que vela e desvela a figura misteriosa, como sugere sua própria mitologia, numa aproximação de nossa complexa humanidade.

# PROPOSIÇÃO IMERSIVA

Gustavo Nazareno trabalha com pequenos manequins de madeira enrolando e dispondo diferentes tecidos, além do uso de luzes focais e difusas. O resultado são desenhos de estudos para suas obras. Agora, ao invés de um boneco, quem sabe utilizar um amigo? Como o artista, coloque tecidos, ou cobertas ou um único manto. Arrume algumas luminárias para compor o cenário que também pode ser ao ar livre. Observe as sombras, os volumes criados e as transparências.

Sugestão de material para o registro da ação: carvão vegetal, lápis 6B ou uma câmera fotográfica.

# OLHE TAMBÉM!

PARA CONHECER MAIS SOBRE GUSTAVO NAZARENO E SEU PROCESSO POÉTICO:

\* “BARÁ”, por Gustavo Nazareno, Canal Arte 1: <https://www.youtube.com/watch?v=iZ5z0fslyWE>

\* “Entre o Ancestral e o Contemporâneo”, com Gustavo Nazareno. Instituto Conversa, Canal do Instituto Collaço Paulo: <https://www.youtube.com/watch?v=PNQeax6xGyU>

PARA CONHECER MAIS A RELIGIÃO DE MATRIZ AFRICANA:

A tradição iorubá é oral, ou seja, suas mitologias são transmitidas de geração em geração através de histórias, semelhante ao que Exu realizou durante um tempo, quando decidiu percorrer o mundo coletando relatos de todas as pessoas que aqui viviam, pois através deles consegue estabelecer uma ponte entre o terreno e o espiritual. Jamile Coelho escreveu o livro “Òrun Àiyé: A Criação do Mundo” (2016) a partir da tradição iorubá. Que outras histórias devem ser contadas para não se perderem?





*Madona Ladeada por Santos, séc XV*

Atribuída a **GIOVANNI DI PIETRO** (1450 – 1528)

Óleo sobre madeira. 87 x 87,5 cm

Coleção Collaço Paulo

Palavras-chaves: simulacro, portal, instante

As representações das religiosidades ou do sagrado sempre estiveram presentes ao longo da história da arte. Desde a pré-história, com os desenhos dentro de cavernas de difícil acesso que poderiam sugerir a um ritual, até a contemporaneidade, com questionamentos sobre as repetições das alegorias. O que se percebe ao longo desses períodos, são as diferenças adquiridas a partir das formas como o artista retrata. Por exemplo, na Idade Média, as pinturas em paredes ou aparatos, como os retábulos, abarcam inúmeras representações com intuito de catequizar os fiéis, algo próximo a uma história em quadrinhos, enquanto no Renascimento, ela é condensada em um único instante, como se o artista pudesse pegar uma narrativa composta por 50 cenas e condensar em uma única com início, meio e fim. Esse recurso do Renascimento está presente na obra atribuída a Giovanni Di Pietro (c.1450-1529) e, em favor de uma maior veracidade à tela, ele se utiliza de um dispositivo – ou artifício – para criar uma ilusão de um pequeno portal capaz de fornecer acesso a um outro espaço ou tempo. A obra é esse simulacro de janela que direciona a uma história muito específica a ser contada. Di Pietro usa outros recursos, como uma pequena mureta que separa a figura feminina das duas masculinas encontradas atrás, assim como a própria simulação da esquadria que tanto distancia o observador da cena quanto gera uma aproximação com o “divino”.

## PROPOSIÇÃO IMERSIVA

Como contar as férias em uma única folha de papel e com recortes de revistas, jornais e papéis coloridos? A ideia é que a imagem a ser criada contenha um resumo das atividades desse período. Sugere-se realizá-la dentro de uma caixa.

## OLHE TAMBÉM!

Observe os trabalhos da artista Pati Peccin. Através da colagem, ela cria personagens e universos fantásticos, como em “Lua Saturni” (2019), na qual fabrica dois universos coexistindo em um único espaço atravessado por um portal, ou “O Osso Lacrimal” (2019), com uma simulação de janela, em que aciona um dispositivo de observação, questionando as relações entre observador e observado:

**<https://www.patipeccin.com>**





*Santa Catarina de Alexandria, séc. 18*

**ESCOLA CUSQUENHA**

Óleo sobre tela, 175 x 105 cm

Coleção Collaço Paulo

Palavras-chaves: representação, identidade, índice

Já parou para pensar que o CPF, um símbolo numérico, diz que “você” é “você”? Ou, naqueles momentos que, ao esquecer o nome da pessoa, a descreve com uma roupa específica, um penteado ou um objeto sempre presente? Muitas pinturas de retratos carregam simbologias que ajudam a identificar quem foi a pessoa e a sua importância dentro de uma sociedade. Através da constante repetição das cores das vestimentas, do estilo, dos objetos ao seu redor, do olhar ou dos gestos das mãos, o observador percebe se foram nobres, filósofos, santos ou um trabalhador. Olhando essa pintura representativa da Escola Cusquenha, vislumbram-se diferentes elementos, desde uma roda dentada meio escondida atrás do vestido, uma grande pena na mão esquerda que segura também um manto vermelho volumoso, e uma espada espetando uma cabeça. Cada recurso compositivo da imagem, carrega uma simbologia específica, dando indícios de algumas passagens na história da personagem.

A roda dentada indica o instrumento de tortura, a espada que põe fim à sua vida e a pena, marca um viés culto e de estudos, iconografias que remetem à Catarina de Alexandria (287 – 305, Egito). Às vezes, apenas a data já confere um caráter simbólico a uma imagem, como quando Sebastião Caboto (1476-1557), em 1506, chega no Ribeirão da Ilha e desembarca em 25 de novembro (dia destinado a Catarina de Alexandria), nomeando as terras de Santa Catarina. Enquanto outros símbolos podem conferir outras narrativas significativas, como a inserção da cabeça de Maximiano pelos artistas indígenas nos quais hoje, pode-se ler como uma sugestão de um fim a essa soberania imposta pelos colonizadores.

## PROPOSIÇÃO IMERSIVA

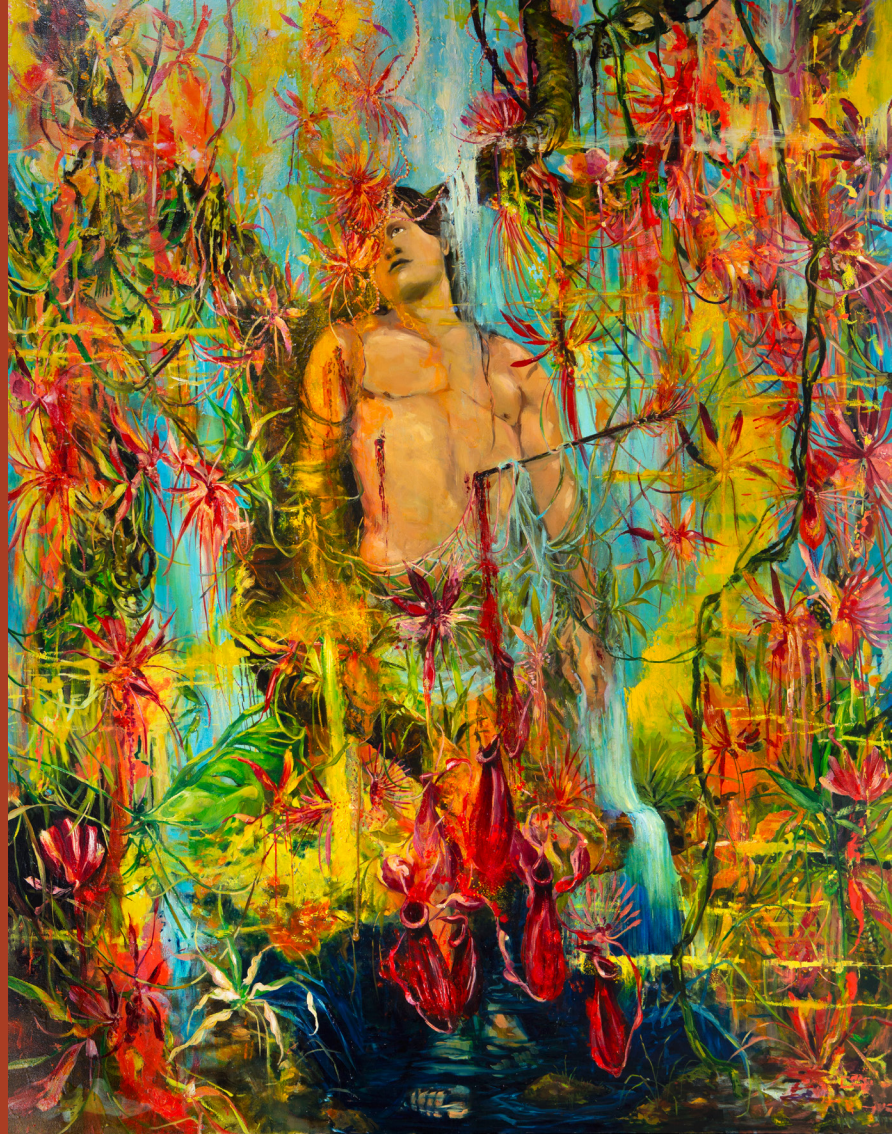
Olhe ao seu redor, observe os símbolos presentes no ambiente: do tênis, da camiseta e até nas conversas nos aplicativos de mensagens. Conseguiria contar uma história só se utilizando deles? E realizar um autorretrato? Que tal tentar produzir essas duas propostas usando só os emojis? Procure não usar muitos, pois excesso de informação confunde quem “lê”.

## OLHE TAMBÉM!

Veja a entrevista com a artista Ventura Profana, travesti, que se declara pastora missionária e cantora evangelista. Brasileira, sua pesquisa perpassa em torno das relações de poder das matrizes judaico-cristãs questionando os processos coloniais:

Artista selecionada ao prêmio PIPA 2021 | Ventura Profana, Canal Prêmio PIPA: <https://youtu.be/c57GDe2a6lc>

Observe o trabalho “Sonda”, da mesma artista, e veja como os símbolos podem modificar e questionar as narrativas predeterminadas. Segundo ela, “revelam-se parcelas da anatomia, gestos e coreografias adotadas e divinizadas pelo inimigo: o homem mau, fariseu, devorador. Farejo as estruturantes implicações abraâmicas na sociedade desmaiada e estudo sua lei para atordoá-la, no cumprimento da missão de transverter veneno em manancial de águas vivas”: Programa Convida do IMS: <https://ims.com.br/convida/ventura-profana/>





*O Surgimento das Flores Antropofágicas na Nascente do Tapuiubaí, 2020*

**FERNANDO LINDOTE**

Óleo sobre tela. 180,5 x 140 cm

Coleção Collaço Paulo

Palavras-chaves: incorporação, potência, natureza

De início, a obra de Fernando Lindote chama atenção pelo título, “O Surgimento das Flores Antropofágicas na Nascente do Tapuiubaí”. O último termo não tem uma tradução direta, sendo uma possível formulação do artista a partir das palavras tupi-guarani “tapuio”, que trata de uma designação antiga dada aos gentios inimigos - índio bravo, caboclo -, e “Ubaí” (ibá+i) que, em uma tradução literal, indica “o rio dos ubás (ou das flechas)”. Para além da junção dos termos e suas prováveis relações, pode-se perceber um sincretismo religioso quando Lindote representa um homem alvejado por flechas, sugerindo a figura do santo católico São Sebastião e a presença da natureza como fonte primária de uma adoração divina. Outra associação possível está na proximidade com o orixá Oxóssi, das religiões de matriz afro, diz respeito à entidade da caça, floresta, sendo representado com um arco e flecha.

A pintura indica uma certa incorporação da figura humana junto ao meio, com os braços mesclando-se à vegetação e se tornando um só corpo. Outro indicativo desta agregação homem/natureza, está abaixo da flecha que o fere, o sangue que escorre se transforma em planta carnívora ou “flores antropofágicas”. Neste breve levantamento, pode-se questionar “o que há de sagrado na natureza?”, ou ainda, “o que nos separa do conceito de natureza?”. Propor essa incorporação é perceber e resgatar outro entendimento sobre religiosidade, ambiente e ser humano.

## PROPOSIÇÃO IMERSIVA

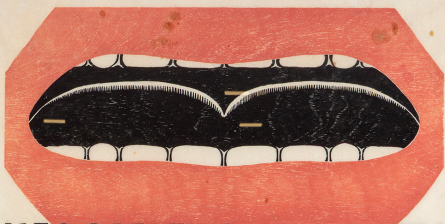
Caso pudesse escolher ser uma árvore, que tipo seria? Que etapas seriam necessárias para essa transformação? Que outros elementos naturais estariam presentes na sua nova forma de ser? Escreva uma história contando a experiência e ilustre seu autorretrato enquanto árvore.

## OLHE TAMBÉM!

*Para entrar em estado de árvore é preciso partir de um torpor animal de lagarto às três horas da tarde, no mês de agosto. Em dois anos a inércia e o mato vão crescer em nossa boca. Sofreremos alguma decomposição lírica até o mato sair na voz. Hoje eu desenho o cheiro das árvores.* (Poesia de Manoel de Barros, no livro “Meu Quintal é Maior do que o Mundo, Editora Objetiva, em 2015, página 67).

*Bernardo é quase árvore. Silêncio dele é tão alto que os passarinhos ouvem de longe. E vêm pousar em seu ombro. Seu olho renova as tardes. Guarda num velho baú seus instrumentos de trabalho: 1 abridor de amanhecer; 1 prego que farfalha; 1 encolhedor de rios e 1 esticador de horizontes. (Bernardo consegue esticar o horizonte usando três fios de teias de aranha. A coisa fica bem esticada.) Bernardo desregula a natureza: seu olho aumenta o poente. (Pode um homem enriquecer a natureza com a sua incompletude?).* (Poesia de Manoel de Barros, no livro “Meu Quintal é Maior do que o Mundo, Editora Objetiva, em 2015, página 71).

Conheça mais os significados das palavras em tupi-guarani presentes no dia a dia, lançado pela Funai: <https://biblioteca.funai.gov.br/media/pdf/Folheto43/FO-CX-43-2739-2000.pdf>



**NÃO SABEM O QUE FAZEM**





*Não Sabem o que Fazem*, C. 1970

**MANUEL MESSIAS DOS SANTO**

Xilogravura em cores impressas sobre entretela, 155,4 x 83,2 cm

Coleção Collaço Paulo

Palavras-chaves: afrontamento, discurso, contexto

O uso da linguagem escrita nas obras de arte indica um posicionamento discursivo, direcionando verbalmente os caminhos de entendimento que o espectador pode percorrer. Ao usar o recurso, Manuel Messias dos Santos (1945-2001) encontra o limite harmônico entre a palavra e a representação imagética, aproximando uma síntese discursiva vinda dos vocábulos e uma composição por vezes subjetiva a partir da imagem. A frase “Não Sabem o que Fazem”, apropriada pelo artista de um trecho do evangelho de Lucas (23:34) em referência ao momento em que Cristo é crucificado, compõe a série “Via-Sacra” composta por 14 gravuras. Ao focalizar a imagem, observa-se uma fileira de 18 lanças, com a décima nona hasteando um pano azul, sugerindo uma bandeira, algo como um afrontamento na linearidade compositiva idealizada por Messias dos Santos e, de certa forma, um levante em razão da violência contida na obra.

Tal perspectiva, junto à representação da boca na parte superior, que manifesta determinado discurso, indica uma tomada de posição. Acesando o contexto histórico de sua realização, período da ditadura militar no Brasil (1964-1985), se estabelecem outras relações pertinentes. Na aproximação com afrontamentos, discursos e resistência perante às arbitrariedades sofridas, o trabalho sugere questões como: “Quais corpos continuam a ser violentados?”, ou “há certezas que podem ser questionadas?”. Tais levantamentos induzem a pensar sobre a construção do artista para além do caráter religioso e de seu próprio tempo, estabelecendo um contato direto com o contemporâneo e com as persistentes coações ocorridas diariamente.

# PROPOSIÇÃO IMERSIVA

Ao observar o lugar em que você mora e frequenta, como seu bairro, escola, parques e praças, ou de maneira mais ampliada, para sua cidade, Estado ou país, que tipos de violências são possíveis de perceber? Existe alguma que envolva seu contexto? Tendo como base o próprio meio, formule uma frase ou uma palavra de ação, de forma individual ou coletiva, que questione as injustiças ocorridas. Após a elaboração e discussão desta primeira parte, projete um suporte, pode ser uma bandeira, um cartaz, uma placa informativa, qualquer objeto que possa ser visto por muitas pessoas, e instale suas frases/palavras.

## OLHE TAMBÉM!

Como sugestão, observe as obras de Francisco Mallmann, que desenvolve trabalhos a partir da linguagem, envolve um corpo social coletivo muitas vezes visto como marginalizado e que, de distintas formas, sofre violências. A escolha do artista é planejada a partir de duas instalações: “A Memória é uma Ação Política” e “A Palavra é um Gesto Coletivo”, ambas realizadas em 2019 e sendo frases bordadas em tecido, uma investigação da escrita como materialidade performática que tenciona noções de registro, memória e processos existentes na criação de discursos. Interessante perceber nos trabalhos a amplitude de contexto em que Mallmann traz para perto de si e como reflete as questões que o tocam enquanto sujeito: <https://franciscomallmann.com>





*São João Batista e o Cordeiro, séc. 18 - 19*

**XAVIER DAS CONCHAS (FRANCISCO DOS SANTOS XAVIER)**

Conchas, madeira, arame, papel e policromia. 64 x 37 x 19,5 cm

Coleção Collaço Paulo

Palavras-chaves: devoção, popular, transposição

A obra “São João Batista e o Cordeiro”, de Xavier das Conchas (1739-1814), cativa pelo detalhamento e minúcia na composição. Com o uso de materiais ordinários, o artista materializa sua devoção na fé católica; a quem se deixa tocar, proporciona um lugar sensível entre o zelo, a crença e a elaboração rica em detalhes. O objeto, oratório, carrega por si só uma potência envolvente para os fiéis, na medida em que sua representação estabelece pontos de contato com o divino. Para além do caráter místico da fé, há no trabalho uma certa transposição de sentidos no que remete aos materiais ou elementos que o compõem, como madeira, arame, papel e conchas. Esse último elemento, característico de Xavier das Conchas, pode ser compreendido como uma exaltação ao contexto litorâneo em que ele vive (Rio de Janeiro e Nossa Senhora do Desterro, atual Florianópolis), sendo apropriado a partir da cultura açoriana, que sabidamente usa conchas, penas e escamas de peixes na ornamentação e feitura de objetos do cotidiano.

A transposição eleva determinadas materialidades, recolhidas da praia, deixam de ser simples rejeitos de animais marinhos para ganhar um ar no divino ou artístico. Tal agregação de sentido para um objeto banal, contribui para o entendimento de como a potência do acreditar em algo imaterial e/ou supra-humano pode se materializar no mundo real, desencadeando por sua vez outras manifestações da fé. A frase comumente conhecida, “a fé move montanhas”, diz respeito ao ato de acreditar e como o reflexo disso pode ser dar no mundo.

## PROPOSIÇÃO IMERSIVA

Como prática artística, em conjunto ou individualmente, recolha pequenos objetos encontrados no seu percurso diário, seja indo para escola, no entorno de sua casa, em um parque próximo, na praia, enfim lugares que tenham algum significado no seu cotidiano. Importante que a escolha ocorra a partir de um olhar atencioso, podendo ser folhas, galhos, pedrinhas. Após essa etapa, analise a coleta e, sobre algum tipo de papel ou uma caixa de sapatos, crie uma composição. O fundamental é que se tente uma transposição dos sentidos.

## OLHE TAMBÉM!

Os trabalhos de Bispo do Rosário (1909-1989) podem ser uma boa referência. Em seu processo artístico, ele se apropria de objetos de uso comum para estabelecer contato com o divino. Pessoa com esquizofrenia, passa grande parte da vida internado na Colônia Juliano Moreira, hoje uma das alas do Museu Bispo do Rosário, no Rio de Janeiro. Entre os materiais usados pelo artista, encontram-se linhas azuis dos uniformes desfiados dos internos, assim como canecas, pedaços de madeiras, arame, vassoura e papelão. Como proposta de continuação da pesquisa, olhe os trabalhos em que ele junta diferentes peças para compor as obras tridimensionais, alterando o significado dos elementos para atribuir um sentido maior, no caso, algo que o aproxime do celestial: <https://museubispodorosario.com/acervo>

## 1. ESCOLA CUSQUENHA

A arte cusquenha ou Escola de Cuzco teve seu aparecimento no período colonial entre os séculos 16 e 18, e é tida como o primeiro centro de formação de ensino de técnicas artísticas europeias nas Américas. A palavra “cusquenho” é originária da cidade de Cuzco, capital do Império Inca e, no campo artístico, refere-se às representações pictóricas coloniais hispano latino-americanas produzidas, principalmente, nos países andinos. Sua singularidade estética, ampara-se na confluência de dois aspectos formadores distintos: de um lado a referência da pintura europeia, principalmente da espanhola, flamenga e italiana e, do outro, pela inserção de elementos iconográficos da flora e fauna nativas como pano de fundo que apareceram posteriormente entre os séculos 17 e 18. A partir do rompimento com os colonizadores brancos, a guilda de pintores se dividiu e, assim, os povos originários iniciaram suas representações com uma maior abrangência do mundo que os cercava e a própria mitologia inseridas nas narrativas.

## 2. FERNANDO LINDOTE (SANT’ANA DO LIVRAMENTO/RS, 1960)

Artista radicado em Florianópolis, cuja produção se desenvolve a partir de diferentes linguagens visuais, tais como performance, vídeo, fotografia, desenho, gravura, cerâmica, escultura, instalação e pintura. Suas

obras desafiam limites espaciais, incorporam símbolos diversos e contrastantes, mesclam o racional com o onírico, cor e forma, orgânico e maquínico, transcendem as simples ilustrações ou citações.

### **3. GIOVANNI DI PIETRO (ESPANHA, 1540 - SPOLETO, ITÁLIA, C. 1529)**

Conhecido também como Lo Spagna (O Espanhol), sua origem continua incerta. Reconhecido por importantes obras com temática sacra e pelo estilo predominante nesse período, como a técnica de *sfumatto*, paisagens pouco detalhadas e o estilo clássico. Faz parte da Alta Renascença, estuda e é ajudante de Pietro Perugino (1448-1523) e sua biografia consta na obra “Vidas dos Artistas”, escrita por Giorgio Vasari (1511-1574).

### **4. GUSTAVO NAZARENO (TRÊS PONTAS/MG, 1994)**

Artista autodidata, desenvolve uma pesquisa e prática envolvendo pintura a óleo e desenho a carvão, com trabalhos minuciosos que exigem estudos de anatomia. Sua poética transita pelo panteão iorubá afro-brasileiro e, tem como referencial imagético, a arte barroca e renascentista, além de referências da fotografia contemporânea que transitam pela moda.

## 5. MANUEL MESSIAS DOS SANTOS (ARACAJU/SE, 1945 - RIO DE JANEIRO/RJ, 2001)

Natural do nordeste brasileiro, migra com a família para o Rio, em 1952, onde faz seus primeiros contatos com a arte. A partir dos anos 1960, estuda com Alberto Zaluar (1924-1987) na Escola Nacional de Belas Artes, hoje Museu Nacional de Belas Artes (MNBA/RJ) e com Ivan Serpa (1923-1973), no disputado curso livre ministrado no Museu de Arte Moderna (MAM/RJ). Em 1962, trabalha como arte-finalista, atuação fundamental para a criação de uma linguagem de alto poder sintético e comunicativo, marcante em parte de sua produção. Em mais de 30 anos de contribuição ativa no cenário cultural brasileiro, ele ganha inúmeras premiações e participa de importantes exposições nacionais e internacionais. Apesar do reconhecimento de seus pares, tem uma biografia com pobreza, tragédias e fatos históricos que assolam os pobres cariocas, como o incêndio na favela do Morro do Pinto (1969), a enchente de 1966 que desabriga inúmeras famílias na Rocinha e o domínio da Cidade de Deus pelos traficantes. Com toda precariedade e falta de recursos, Messias e sua mãe desenvolvem transtornos psíquicos intensificados pela penúria. Mora na rua por alguns períodos nos anos 1990. A soma dessas variantes, homem negro, pobre, nordestino, faz recair sobre a obra um apagamento que revela o eco das desigualdades sociais, do racismo estrutural e da marginalização dos indivíduos.

## 6. XAVIER DAS CONCHAS (1739-1814)

Francisco dos Santos Xavier, mais conhecido como Xavier das Conchas, nasce no Estado do Rio de Janeiro e vem para Nossa Senhora do Desterro (atual Florianópolis) ainda jovem, onde vive por 33 anos. Expressivo nome da arte barroca brasileira, porém não tem a mesma repercussão na história como seu contemporâneo, Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho (1738-1814). De toda forma, Xavier imprime um estilo marcado por elementos do mar na elaboração de figuras sacras. Vale destacar o seu importante papel no projeto artístico do Passeio Público do Rio de Janeiro, primeiro jardim aberto do Brasil, projetado por um dos maiores artistas do período colonial brasileiro, Mestre Valentim (1745-1813), que convida Xavier a compor algumas peças para os pavilhões quadrangulares que funcionam como mirantes do passeio.

## 7. COSMOPERCEÇÃO

Termo que vem sendo debatido desde 1997, pela socióloga nigeriana Oyèrónke Oyěwùmí, em contraposição com a “cosmovisão”, do filósofo Immanuel Kant (1724-1804). Enquanto esse privilegia o olhar do branco ocidental, tendo a visão como o elemento mais importante em detrimento dos outros, a “cosmopercepção” produz uma interpretação

do mundo relacionando todos os sentidos, sem uma hierarquia. Para Oyěwùmí, é uma maneira mais inclusiva de descrever o mundo a partir das concepções de outros grupos culturais, como os iorubás.

## 8. ETÉREA

Etérea, derivada do éter, expressa algo que se dissolve no ar ou, poeticamente, alcança um estado espiritual elevado, sendo sublime. Essa noção estabelece conexões frequentes entre as mudanças no tempo, na vida e na arte, sugerindo uma natureza fugaz e transcendente. Aqui, a palavra “etérea” explora os mistérios das concepções ligadas à fé, ao sagrado e ao devocional.

## 9. ÍNDICE

Pode-se pensar nesse elemento a partir do texto “Notas sobre el Índice” da teórica Rosalind Krauss, encontrado em seu livro “La Originalidad de la Vanguardia y Otros Mitos Modernos” (1996). Ela o utiliza para pensar sobre as obras do artista Marcel Duchamp (1887-1968), porém é possível estabelecer uma relação com a exposição “Etérea”. Segundo a teórica, os índices seriam os rastros dos objetos, como uma sombra, uma pegada, um sintoma de alguma doença, a impressão digital, ou

seja, são elementos de indicação de presença permitindo, assim, o reconhecimento de um objeto ausente ou do próprio artista.

## 10. POÉTICA

De uma forma direta, esse termo se refere a um sistema de normas e modelos que podem ser usados para classificar alguma pintura, escultura, entre outras linguagens artísticas dentro de um período histórico. A partir desse entendimento, seria possível reconhecer o estilo predominante de uma determinada época, de algum pintor específico e compreender os desdobramentos seguintes. Poeticamente, pode-se entender como a maneira de se concretizar ideias com base em escolhas pessoais, políticas e históricas, por exemplo.

## 11. SÍMBOLO

É uma representação gráfica que carrega significados além de sua forma literal, com sentidos culturais, religiosos, políticos ou pessoais e variam de ícones reconhecíveis a ideias abstratas. Por exemplo, no cristianismo, a “cruz” é a representação da crucificação de Cristo. Roland Barthes (1915-1980) destaca que esses elementos são construídos social e culturalmente, adquirindo significados por meio de

convenções compartilhadas, como os emojis usados na comunicação das redes sociais.

## 12. SIMULACRO

A partir do filósofo Jean Baudrillard (1929-2007), entende-se o termo como sendo uma realidade para além da realidade que, quando apreendida por todos no cotidiano, transforma tudo, do mais próximo ao mais distante, em uma noção de verdade vivida, mesmo que não diretamente. Pode-se entender como sendo signos ou imagens com sentidos próprios, cuja função é produzir realidades autônomas para além da realidade de fato.

## 13. SINCRETISMO

Etimologicamente, a palavra tem origem no termo grego *synkretismós*, significando união, mistura ou combinação. Hoje, entende-se como a junção de doutrinas, cultos ou religiões distintas, atribuindo um novo sentido aos elementos tradicionais. Esse termo no Brasil está ligado diretamente ao período colonial, a partir da imposição do catolicismo por parte dos portugueses à população escravizada e aos povos originários. Decorrente disso, práticas e cultos religiosos incorporaram elementos

de diferentes tradições a novas composições, dando origem, por exemplo, a religiões afro-brasileiras.

## 14. TRANSLUCIFERAÇÃO

A transluciferação, cunhada por Haroldo de Campos (1929-2003), representa uma tradução poética na qual a compreensão do texto é ativada pelo seu leitor-tradutor, libertando-o das restrições semânticas. A escritora e curadora brasileira Daniela Castro estabelece uma analogia com a ideia de transfusão de sangue, na qual o texto é transferido e incorporado de um corpo para outro, ampliando não só o horizonte teológico da “língua pura”, mas também a possibilidade múltipla da tradução.



# ETÉREA

De 20 de dezembro de 2023  
a 28 de setembro de 2024

---

## O INSTITUTO

### **Diretor-presidente**

Marcelo Collaço Paulo

### **Vice-presidente**

Jeanine Gondin Paulo

### **Museóloga**

Cristina Maria Dalla Nora

### **Curadora-chefe**

Francine Goudel

### **Produção de conteúdo e comunicação**

Néri Pedroso

### **Coordenadora do núcleo educativo**

Joana Amarante

### **Arte educador**

Marcello Carpes

### **Serviços gerais**

Adriano Lessa

### **Recepção e atendimento ao público**

Júlia Bayer Heidmann

Eduardo Tavares de

Miranda Costa

# A EXPOSIÇÃO

## Acervo

Coleção Collaço Paulo

## Curadoria, expografia, produção executiva e textos

Francine Goudel

## Assessoria de imprensa, revisão e edição de textos

Néri Pedroso

## Material e ações educativas

Joana Amarante  
Iam Campigotto  
Marcello Carpes

## Coordenação de acervo e montagem

Cristina Maria Dalla Nora

## Conservação e restauração do acervo

Sára Fermiano

## Montagem

Flávio Xanxa Brunetto

## Apoio de montagem

Valmir Tidres  
Adriano Lessa

## Assistente de produção

Iam Campigotto

## Identidade visual

Lorena Galeri

## Fotografia

Eduardo Marques

## Captação de recurso e produção administrativa

Harmônica Arte e Entretenimento

## Realização

Instituto Collaço Paulo  
– Centro de Arte e Educação

## Apoio

Sesi

## Apoio Cultural

Corporate Park  
Ibagy  
Paradigma Cine Arte

## Patrocínio

Lei Municipal de Incentivo à Cultura, Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes e Prefeitura de Florianópolis

---

# O MATERIAL EDUCATIVO

## **Coordenação editorial**

Joana Amarante  
Marcello Carpes

## **Textos**

Joana Amarante  
Iam Campigotto  
Marcello Carpes

## **Projeto gráfico e diagramação**

Lorena Galeri  
Shayda Cazaubon

## **Edição de imagem**

Francisco Warmling

## **Fotografia**

Eduardo Marques

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Em busca de sentidos: material educativo [livro eletrônico] : Etérea  
(coordenação editorial Joana Amarante, Marcello Carpes) --  
Florianópolis, SC : Instituto Collaço Paulo - Centro de Arte e Educação, 2026.  
PDF

Vários Colaboradores

Acervo Coleção Collaço Paulo  
ISBN 978-65-979404-0-0

1. Artes - Educação 2. Artes - Exposições  
3. Arte Plásticas 4. Artes Visuais 5. Coleções de arte.  
I. Amarante, Joana. II. Carpes, Marcello.

26-341650.0

CDD-730

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Artes plásticas : Exposições 730

Camila Aparecida Rodrigues - Bibliotecária CRB - SP-010133/0

# EM BUSCA DE SENTIDOS

MATERIAL EDUCATIVO

**Coordenação editorial**

Joana Amarante

Marcello Carpes

Florianópolis, 2026

ETÉREA

INSTITUTO  
COLLAÇO  
PAULO  
CENTRO DE ARTE E EDUCAÇÃO